

COLHENDO A LIBERDADE: Mobilidade Social de Músicos entre os Séculos XIX e XX: Uma Análise a Partir de Músicos Escravizados em Fazendas de Café

HARVESTING FREEDOM: Social Mobility of Musicians between the 19th and 20th Centuries: An Analysis from Enslaved Musicians on Coffee Farms.

Hudson Cláudio Neres Lima¹

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

E-mail: hudsonnereslima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3609-5980>

Submetido em 22/01/2024

Aprovado em 25/07/2024

Resumo

Esta pesquisa analisa a interseção entre música e condições sociais no Brasil nos séculos XIX e XX, enfocando músicos escravizados e/ou afrodescendentes. Utilizando a Hemeroteca Digital Brasileira, para fundamentar as hipóteses propostas, foram consultados os periódicos digitalizados disponíveis entre os anos de 1850 e 1909. Utilizou-se no mecanismo de busca os termos “músico escravo” e “músico mestiço”. Analisamos os discursos encontrados nesses periódicos buscando acrescentar informações para o campo musicológico sobre a atividades de músicos escravizados entre e no pós-abolição no Brasil. Investigamos narrativas que revelam a participação desses músicos em eventos comunitários e religiosos, destacando suas contribuições artísticas. Ao conectar essas histórias a trajetórias contemporâneas, a pesquisa evidencia uma continuidade nas lutas enfrentadas pelos músicos afrodescendentes, sublinhando sua resiliência. A observação da mobilidade social revela a habilidade desses músicos em transpor barreiras sociais, representando uma expressão contemporânea de resistência. Estabelecendo uma ponte entre passado e presente, o estudo destaca repetições nas narrativas, ressaltando a constância nas lutas por reconhecimento e equidade. O artigo enfatiza a resiliência das comunidades de músicos escravizados e seus descendentes, destacando não apenas sua função artística, mas também sua capacidade de desafiar normas sociais e contribuir para a reconfiguração das narrativas históricas sobre práticas musicais no Brasil.

Palavras-chave: músicos negros; mobilidade social; música sinfônica; Orquestra Sinfônica

Campo: Musicologia

Abstract

This research examines the intersection between music and social conditions in Brazil during the 19th and 20th centuries, focusing on enslaved and/or Afro-descendant musicians. Utilizing the Brazilian Digital Library of Newspapers to support the proposed hypotheses, the digitized periodicals available from 1850 to 1909 were consulted. The search terms used were “enslaved musician” and “mixed-race musician.” We analyzed the discourses found in these periodicals to contribute information to the field of musicology about the activities of enslaved musicians during and after abolition in Brazil. We investigated narratives that reveal these musicians’ participation in community and religious events, highlighting their artistic contributions. By connecting these stories to contemporary trajectories, the research demonstrates a continuity in the struggles faced by Afro-descendant musicians, emphasizing their resilience. The observation of social mobility reveals these musicians’ ability to overcome social barriers, representing a contemporary expression of resistance. By establishing a bridge between past and present, the study highlights recurring themes in the narratives, underscoring the persistence of struggles for recognition and equity. The article emphasizes the resilience of the communities of enslaved musicians and their descendants, highlighting not only their artistic role but also their capacity to challenge social norms and contribute to the reconfiguration of historical narratives about musical practices in Brazil.

Keywords: Afro-Descendant Musicians; Social Mobility; Resilience in Music

1 Bolsista de pós-doutoramento: Hudson Cláudio Neres Lima. Nº. USP 15102300. Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Supervisão: Prof. Dr. Rubens Russomanno Ricciardi. Processo nº 23.1.766.59.8. Projeto: Bolsas para Pesquisadoras e Pesquisadores Negros – PRIP – Edital 001/2023. Hudson Lima é Doutor em Música pela UNIRIO com doutorado sanduíche na *University of Texas at Austin*.

1. Introdução

- E nós fomos presos porque eu estava querendo comprar um piano [...] foi uma coisa meio racista, a gente sentiu isso e os soldados que nos abordaram, todos brancos se revelaram racistas pelo o que eles diziam com a gente e tudo.
- Você sentiu essa questão racial na sua vida? Você sentiu esse preconceito alguma vez mais?
- A vida inteira, quem é negro sente a vida inteira [...] pode ser rico, pode ser pobre, [...] foi negro, é negro em qualquer lugar do mundo, em qualquer circunstância, é preto sofre racismo. É evidente que o racismo me alcança hoje com mais sutileza do que alcançava quando eu não era famoso e conhecido, mas alcança do mesmo jeito.
- Com a fama e sucesso isso passa?
- Não passa, isso fica camuflado, minimiza. Mas a pessoa que não gosta de negro não vai gostar só porque ele é famoso. A pessoa pode até te aceitar, te adorar, entendeu? Mas não gosta. (Gente de Expressão, 2018).

A citação acima é de uma entrevista com o cantor e compositor brasileiro Djavan, conduzida por Bruna Lombardi na década de 90 no Brasil. No relato, Djavan descreve uma experiência em que ele e seus amigos foram detidos devido a um incidente relacionado à compra de um piano. Ele sentiu que o incidente foi motivado por racismo, pois os soldados que os abordaram demonstraram ser racistas pelos comentários que fizeram. Ao longo da entrevista, Djavan afirma que sente o preconceito racial durante toda a sua vida, independentemente de sua posição social. Ele menciona que o racismo afeta pessoas negras, independentemente de sua condição socioeconômica, em qualquer lugar do mundo e sob quaisquer circunstâncias. O cantor reconhece que, apesar de a fama e o sucesso poderem camuflar ou minimizar o racismo, uma pessoa que não gosta de negros não mudará sua opinião apenas devido à fama de alguém.

O relato de Djavan destaca a persistência do racismo na sociedade, mesmo entre aqueles que alcançam sucesso e mobilidade social². O artista sugere que, mesmo que a fama ofereça alguns benefícios ou aceitação superficial, as atitudes e preconceitos enraizados podem não ser eliminados. Isso mostra que a discriminação racial persiste como um problema social, independentemente do status ou da fama dos músicos.

O depoimento do músico fornece uma visão sobre as vivências de pessoas negras no Brasil, destacando a continuidade do racismo ao longo dos anos. Ao relatar o episódio, destaca a sutileza do preconceito racial em sua experiência. Este relato pessoal é um ponto de partida para refletir sobre as complexidades das experiências de músicos negros no contexto histórico do Brasil. Este artigo, inspirado na entrevista de Djavan, explora abordagens

² É importante esclarecer o conceito de mobilidade social utilizado neste trabalho, conforme informa Hudson Lima. Enfatizamos que preferimos o termo "mobilidade social" ao "ascensão social", pois entendemos que não existem hierarquias verticais nesse processo; não estamos discutindo uma ascensão de menor para maior, e sim o trânsito entre classes. (2023, p. 178). Assim, entendemos a mobilidade também como uma forma de distinção social. As pessoas não brancas continuam enfrentando racismo, apesar de sua posição social.

para destacar músicos não brancos, enfocando a persistente invisibilidade das narrativas desses artistas brasileiros ao longo da história. Nesse contexto, pretendemos estabelecer um diálogo crítico com a literatura existente, buscando revelar não só as contribuições musicais, mas também os complexos afetos vivenciados por esses músicos em suas práticas profissionais. Essa abordagem busca não apenas preencher lacunas históricas, mas também enfatizar a urgência de resgatar materiais musicais do século XIX de indivíduos racializados como não brancos, integrando-os à análise musicológica sob a ótica de pesquisadores sensíveis à subalternização racial.

Ao relacionar esse testemunho às experiências do pesquisador, que também é um violoncelista negro e autor deste texto, torna-se evidente que o racismo ultrapassa as esferas profissionais e acadêmicas, manifestando-se em ações estatais como, por exemplo, intervenções policiais discriminatórias. O pesquisador, que carregava um violoncelo e vestia terno ao voltar de um trabalho, foi abordado por policiais no Rio de Janeiro, confundido com um assaltante, ilustrando vividamente as complexidades e desafios enfrentados por profissionais negros em suas atividades cotidianas. Parte inferior do formulário Em consulta realizada em 3 de fevereiro de 2023 por celular³, foram encontradas 29 ocorrências de 43 disponíveis, incluindo vídeos, reportagens e fotos, com o termo “violoncelista negro” na primeira página de resultados do Google. As referências indicam o caso do violoncelista Luiz Carlos Justino, que foi preso injustamente duas vezes em Niterói, Rio de Janeiro, nos anos de 2020 e 2022.

O caso do violoncelista é um exemplo que evidencia as questões de racismo enfrentadas por músicos, inclusive na área da música de concerto. Esses episódios evidenciam as desigualdades raciais na sociedade, afetando até profissionais especializados em suas áreas de atuação. É essencial ressaltar as consequências negativas do racismo na vida de um músico e como essas experiências podem afetar sua memória e trajetória artística. Além disso, é crucial abordar a importância de registrar essas histórias para conscientizar e sensibilizar a sociedade sobre as desigualdades raciais na música, que afetam direta ou indiretamente suas práticas de performance.

O texto seminal de Milton Santos, publicado em 1996 no livro *O Preconceito*, oferece uma reflexão sobre a natureza da cidadania no contexto brasileiro. O autor começa por questionar o significado de ser um cidadão, sugerindo que a verdadeira cidadania transcende a simples posse de direitos legais; envolve também a capacidade de confrontar e desafiar o Estado, dando ao indivíduo um poder comparável ao do Estado. No texto, uma crítica contundente é dirigida à classe média brasileira. Santos argumenta que ela não é composta por verdadeiros cidadãos, já que está mais preocupada em garantir privilégios do que em lutar pelos direitos fundamentais de toda a população. Esta abordagem revela um processo que distorce a democracia, sustentando a ascensão da classe média à custa da negação dos direitos fundamentais da maioria da sociedade. O

³ Disponível em: Google.com; Login: acesso pessoal; Consulta feita em 03 de fevereiro de 2023 via celular (iPhone 13 mini).

artigo analisa as cidadanias mutiladas no Brasil, enfatizando as desigualdades em áreas como trabalho, remuneração, promoção, localização, circulação, educação e saúde. O autor destaca que, em particular, os negros enfrentam dificuldades significativas em todas essas áreas, o que resulta em uma efetiva negação da cidadania.

Milton Santos adota uma abordagem tríplice para explorar corporalidade, individualidade e cidadania, fundamentos essenciais para a compreensão de preconceito, racismo e discriminação. A corporalidade diz respeito à percepção física do indivíduo, enquanto a individualidade envolve aspectos subjetivos que culminam na consciência individual. A cidadania é vista como a expressão política desses elementos, manifestando-se como um exercício de direitos e consciência, intrinsecamente vinculado ao grau de consciência individual.

Poderíamos traçar a lista das cidadanias mutiladas neste país.

Cidadania mutilada no trabalho, através das oportunidades de ingresso negadas. Cidadania mutilada na remuneração, melhor para uns do que para outros. Cidadania mutilada nas oportunidades de promoção.

Cidadania mutilada também na localização dos homens, na sua moradia.

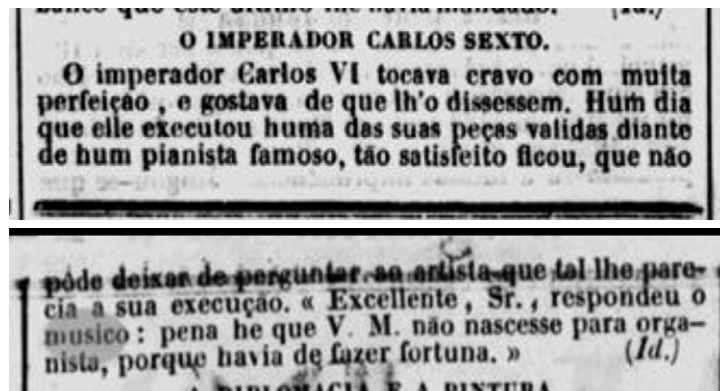
Cidadania mutilada na circulação. Esse famoso direito de ir e vir, que alguns nem imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população. Cidadania mutilada na educação, Quem por acaso passou ou permaneceu na maior universidade deste estado e deste país, a USP, não tem nenhuma dúvida de que ela não é uma universidade para negros⁴. E na saúde também, já que tratar da saúde num país onde a medicina é elitista e os médicos se comportam como elitistas, supõe freqüentemente o apelo às relações, aquele telefone que distingue os brasileiros entre os que tem e os que não tem a quem pedir um pistolão. Os negros não têm sequer a quem pedir para ser tratados. E o que dizer dos novos direitos, que a evolução técnica contemporânea sugere, como o direito à imagem e ao livre exercício da individualidade? E o que dizer também do comportamento da polícia e da justiça, que escolhem como tratar as pessoas em função do que elas parecem ser. (Santos, M., 1996, p. 134)

Em síntese, o texto de Milton Santos analisa as complexidades da cidadania no Brasil, contextualizando-as em meio a preconceitos, desigualdades e discriminações. Santos destaca que os negros no Brasil enfrentam limitações na cidadania devido a discriminações em áreas como trabalho, saúde e educação, o que revela cidadanias comprometidas e a urgência em tratar disparidades e injustiças sistêmicas. Santos argumenta que, para entender o complexo problema da discriminação, devemos examinar a história do país, considerando sua formação, situação atual e possíveis trajetórias futuras, incluindo suas expressões artísticas que refletem as nuances da formação socioeconômica brasileira (Santos, M., 1996, p. 135). Recorremos a eventos históricos.

⁴ Em 2023, a universidade não só desenvolveu uma política pública para a inclusão de pós-doutorandos(as) negros e negras, como também promoveu concertos musicais com a presença de intérpretes e compositores negros e negras, conforme reportado pelo Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/usp-filarmonica-apresenta-compositores-negros-e-repertorio-contemporaneo-inedito/>. Acesso em: 19 de janeiro de 2023.

Um incidente com o imperador Carlos VI, que demonstra sua habilidade no cravo, ilustra a visão histórica das carreiras musicais e suas conexões com oportunidades financeiras. O texto a seguir (Figura 1) descreve uma ação envolvendo o imperador Carlos VI, conhecido por sua habilidade em tocar cravo. Em uma ocasião específica, o imperador apresentou uma de suas composições musicais para um pianista renomado. Impressionado com a performance, o imperador perguntou ao pianista sua opinião sobre a execução. O pianista elogiou, mas observou que o imperador teria feito fortuna se tivesse sido organista.

Figura 1: O Imperador Carlos VI tocava cravo...



Fonte: Jornal do Comércio (2 de março de 1840).

O trecho anterior⁵ destaca uma perspectiva histórica sobre a carreira musical e suas implicações financeiras. Ao sugerir que o imperador Carlos VI poderia ter sido bem-sucedido como organista, o pianista indica que, historicamente, a carreira musical não era vista como tão lucrativa quanto outras profissões. Tradicionalmente, a aristocracia associava-se a posições de poder político, militar ou administrativo, enquanto a música era considerada uma atividade artística e recreativa, e não uma profissão. Logo, indivíduos da aristocracia geralmente não eram incentivados a seguir carreiras musicais, especialmente com o objetivo de ganhar dinheiro. Além disso, as perspectivas históricas sobre carreiras musicais e prestígio são cruciais para a análise, conforme ilustrado pelo episódio envolvendo o imperador Carlos VI e sua habilidade no cravo. Essa narrativa enfatiza uma visão histórica que associa a música a uma ocupação artística e recreativa, muitas vezes ignorando seu potencial econômico-financeiro. Este contexto histórico destaca os desafios que músicos enfrentam para obter reconhecimento e estabilidade profissional, especialmente quando são racializados e socialmente percebidos como não brancos. A percepção histórica da música, vista como uma atividade distante das oportunidades financeiras, mostra um contexto em que a carreira musical era desvalorizada em relação a outras ocupações. Isso não se limitava apenas à esfera financeira, mas também abrangia questões raciais, que serão exploradas adiante.

⁵ Neste artigo, optou-se por fotografar os textos dos periódicos quando possível para ilustrar o conteúdo. Alguns textos foram transcritos devido à limitação do formato.

2. Notas Históricas sobre Músicos Negros, Mobilidade Social e Resistência nas Fazendas de Café do Vale do Paraíba no Século XIX

Uma questão recorrente é que músicos não brancos e/ou de classes socioeconômicas menos privilegiadas formaram a base da performance musical no Brasil, utilizando essas práticas como um meio de mobilidade social. Nesse sentido, emergem as questões: por que a prática era consumida e subsidiada pelas elites econômicas e como isolar os músicos dessas práticas? Certamente, é importante considerar que músicos já frequentavam espaços de elite no Brasil, mesmo sem se integrarem a eles.

Entendemos que seria inadequado apontar uma única produção artística como motivadora exclusiva de ações sociais. É um processo formado por diversas forças. Essas forças incluem indivíduos que se beneficiam do processo, bem como aqueles que são prejudicados por ele. Nesse sentido, é importante considerar que a música de concerto não surge como um agente que criou movimentos de segregação. Produções musicais têm contribuído para a mobilidade social de populações economicamente desfavorecidas. Esse processo é de longa data, conforme abordado por Fernando Prestes de Souza e Priscila de Lima no artigo *Músicos Negros no Brasil Colonial: Trajetórias Individuais e Ascensão Social*:

Com a chegada da corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, teve início um ímpeto modernizante, caracterizado pela implantação mais intensa dos signos da civilidade europeia no Brasil.

Nesse processo, o campo musical foi um dos alvos privilegiados pelas mudanças, que se materializaram através da criação da Casa da Ópera e da Capela Real, ambas destinadas a execução de música erudita, sendo aquela reservada às profanas e esta às sacras. Os dois espaços eram reconhecidos por neles se apresentarem obras de altíssima qualidade, à semelhança do que ocorria em Portugal. Assim, a Capela Real da nova sede do império lusitano foi instituída nos moldes da Capela lisboeta, famosa em toda a Europa por reproduzir à altura os grandes mestres italianos da época. Por meio destes dois espaços, aquilo que se considerava a tradição do bom gosto musical português foi mantida na América, atendendo-se, assim, às exigências de uma corte.

De fato, muitos foram os viajantes europeus que deixaram registradas suas impressões sobre a arte da música na nova corte de D. João VI. Um deles foi o cientista francês Louis Claude Desaulces Freycinet (1779-1842), que esteve no Rio de Janeiro entre 1817 e 1818, segundo o qual a música executada na Capela Real era admirável e "constituída quase que inteiramente de artistas negros, e cuja execução não deixa nada a desejar". Desta passagem chamamos a atenção para o fato de que os músicos que compunham a Real Capela eram majoritariamente negros. Nesse momento em especial, a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro deveras possibilitou maiores oportunidades para esses músicos, que, carregando o estigma da cor, adentravam no mundo de relações com a nobreza. (Souza; Lima, 2007, p. 30-31).

A presença de músicos negros na formação de orquestras na cultura brasileira no século XVIII foi retratada por Antônio Carlos dos Santos em sua publicação *Os Músicos Negros: Escravos da Real Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro 1808-1832* (Santos, A., 2009). O autor observa que as primeiras narrativas da historiografia sobre o negro escravizado brasileiro dificultavam a percepção de que essas pessoas eram produtoras

de uma organização musical que não estava limitada apenas a batuques ou atividades musicais distintas das produzidas pelas culturas portuguesas.

Foram esses senhores [viajantes do século XIX] que através dos séculos, usaram sua capacidade de nomear, de distinguir e de classificar o que estava a sua volta para produzir um certo conhecimento, e com isto, ajudaram construir uma visão impregnada de clichês sobre o homem negro. (Santos, A., 2009, p. 47).

Santos também destaca que a música de concerto no Brasil não era executada apenas por homens brancos, mas também por escravizados e populações indígenas:

Através da documentação histórica é possível perceber a presença e a atividade dos músicos negros escravos da Real Fazenda de Santa Cruz no ambiente colonial até 1871, ano em que muitos escravos receberam a carta de alforria ou de liberdade, indicando o quanto à tradição musical da Real Fazenda de Santa Cruz favoreceu uma atividade musical intensa e qualificada. A Real Fazenda de Santa Cruz teve sua origem no século XVI. Nas primeiras décadas do século XVII, teve início à povoação em massa da Fazenda com a vinda de índios Carijós, aos índios coube a maior parte das tarefas de manutenção da Fazenda e de suas obras, além disto, tornaram-se possuídos de uma devoção entusiástica e ingênua, onde sobressaíam as crianças entoando hinos e empunhando palmas e ramos. Possivelmente estas crianças e muitos dos adultos indígenas, participavam das missas sob a liderança dos Jesuítas, cantando ou tocando algum instrumento musical. (Santos, A., 2009, p. 13).

Humberto Amorim também aborda o tema em seu artigo de 2017, *A carne mais barata do mercado é a carne negra: comércio e fuga de escravos músicos nas primeiras décadas do Brasil oitocentista (1808-1830)* (Amorim, 2017). Amorim analisa a complexidade das questões do comércio de escravos no Brasil e a escassez de fontes primárias que elucidem o assunto. Ele enfatiza a importância de enfrentar os problemas metodológicos da pesquisa sobre o tema, apesar da escassez de fontes diretamente relacionadas aos protagonistas dessa história. O autor menciona que são as questões que condicionam os objetos de estudo, e não o inverso, prevenindo assim a evitação das questões devido à escassez de fontes. Ao discutir a exploração e o comércio de escravos, especialmente os que possuíam habilidades musicais e eram vendidos a preços baixos. Amorim destaca como esse comércio foi naturalizado e reproduzido pelos primeiros jornais do Brasil. O autor menciona a importância de analisar anúncios em jornais brasileiros do início do século XIX para entender a inserção da música e dos escravos com habilidades musicais nesse contexto. Por fim, Amorim discute a exploração do trabalho escravo no Brasil e o mercado de recompensas associado à captura de escravos fugitivos. Ele destaca a busca por uma "carne negra silenciada, violentada e, sobretudo, barata" como um traço marcante do sistema escravagista no país (Amorim, 2017, p. 112).

A utilização de músicos escravizados não era novidade para a corte portuguesa, conforme menciona Jorge Fonseca (2019). Seu artigo destaca a relevância da música na corte e entre a nobreza em Portugal através dos séculos. Os músicos eram comumente contratados

para acompanhar várias ocasiões, incluindo cortejos, festividades, cerimônias religiosas e eventos palacianos. A música era classificada como “música alta” para apresentações ao ar livre e “música baixa” para ambientes internos. Os monarcas portugueses, desde D. Pedro I até D. Afonso V, demonstraram apreço pela música, contando com músicos que os serviam em diversas ocasiões. Havia uma variedade de instrumentos utilizados na corte, incluindo trombetas, guitarras, alaúdes e charamelas. A música tinha um papel importante em festividades e eventos marcantes, como casamentos reais. O interesse pela música entre a nobreza é evidente, com nobres como D. Nuno Alvares Pereira e os infantes D. Pedro e D. Fernando, que possuíam capelas e músicos em suas cortes. Fonseca (2019) descreve como a tradição musical persistiu durante os reinados de D. João IV e D. João V, períodos nos quais músicos estrangeiros foram contratados e um ambiente musical sofisticado foi promovido na corte portuguesa. Além disso, destaca como a música se tornou parte importante da cultura, mesmo no contexto da colonização brasileira, com a chegada da corte real ao Brasil e a influência de compositores como Marcos Portugal.

D. João VI, ao levar a corte para o Brasil, fez-se acompanhar de músicos e da sua biblioteca musical, atraindo para a colônia compositores como Marcos Portugal. A estadia régia revolucionou o ambiente da música no Rio de Janeiro (Santos, 2009, p. 147 *apud* Fonseca, 2019).

O emprego de escravos ou libertos como músicos pela corte e pela aristocracia, assim como pela sociedade em geral, teve certamente a ver com a especial predileção dos africanos para a arte dos sons e para a dança, próprias das suas culturas de origem.

Tal propensão foi canalizada e adaptada aos rituais e estilos musicais dos europeus, mas muitas dessas raízes ancestrais acabaram por influenciar as danças e a música praticadas em Portugal, nomeadamente nos meios populares. Em vilas do Alentejo como Arraiolos e Montemor-o-Novo, durante o século XVI, os escravos negros participavam nas procissões a tocar tamboril, função para a qual eram alugados aos donos pelos municípios que organizavam essas solenidades. (Fonseca, 2019, p. 180).

Conforme Fonseca (2019) evidencia, a dinâmica intercultural em questão revela não só a interação entre diferentes contextos musicais na colônia e em Portugal, mas também destaca a complexidade dessas influências que moldaram progressivamente as práticas artísticas do século XIX, especialmente nas áreas rurais e industriais do Brasil. Este fenômeno é analisado por Rosilene Mariosa (2006) em sua pesquisa intitulada “Tratamento e Doenças de Escravos da Fazenda Santo Antonio do Paiol, 1850-1888”. Sua investigação foca no resgate histórico da Família do Comendador Manoel Antonio Esteves, com base em documentos relevantes. Ele era proprietário da Fazenda Santo Antonio do Paiol, localizada no Vale do Paraíba Fluminense, em Valença, Rio de Janeiro. O acervo inclui uma variedade de documentos, desde correspondências até inventários e registros financeiros, relacionados à aquisição de instrumentos agrícolas e medicamentos para a enfermaria de um hospital destinado aos escravizados.

Mariosa (2006, p. 39) realiza uma análise contextual sobre o papel dos escravizados na formação da sociedade de Valença desde o início do povoado em 1823. A construção da Igreja Nossa Senhora da Glória, liderada por José Rodrigues da Cruz e pelo padre Manoel

Gomes Leal, destaca a orientação católica da comunidade. Em 1848, a construção da Igreja em homenagem a Nossa Senhora do Rosário pelas pessoas escravizadas destaca sua resistência e a importância de suas práticas devocionais na sociedade valenciana. A pesquisa da autora destaca a resiliência e a participação ativa da comunidade negra em Valença. O texto menciona que, nos últimos anos de prosperidade, ilustrados por uma festa religiosa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, promovida por Dona Maria Bibiana de Lellis e Silva, ex-baronesa do Rio Preto, a atuação da banda de música foi um componente significativo. Composta por 70 escravizados de sua fazenda "Paraíso", essa banda teve um papel essencial na celebração, incluindo a interpretação dos solos da missa por pessoas escravizadas. Essa contribuição musical destaca não só a relevância cultural e social dos escravizados na sociedade valenciana, como também a variedade de suas habilidades, apesar das limitações impostas pelos senhores escravistas.

A pesquisa de Mariosa (2006, p. 39) destaca a habilidade dos escravos valencianos em se integrar na sociedade por meio de expressões culturais, como as festas Marujadas e Congadas, que serviam como veículos para preservar suas tradições religiosas. Essa prática pode ter sido uma maneira de superar as limitações impostas pelos senhores de escravos, que recebiam insurreições e, por isso, reprimiam manifestações religiosas. A análise oferece uma visão detalhada das estratégias de resistência e integração das pessoas escravizadas na sociedade valenciana, enfatizando a importância das práticas culturais como forma de afirmação e preservação de identidade em um contexto adverso. Destaca-se também na pesquisa a existência de uma farmácia na fazenda, destinada ao tratamento das enfermidades dos escravos. Esta farmácia (Figura 2) possui diversos frascos de medicamentos e receitas médicas, ilustrando as práticas de saúde e tratamento adotadas pelos fazendeiros escravistas após 1850 para seus cativos.

Figura 2: Farmácia da Fazenda Santo Antonio do Paiol



Fonte: registro do autor em 8 de junho de 2023

A análise das estratégias de resistência e integração das pessoas escravizadas na sociedade valenciana, conforme destacado na pesquisa de Mariosa (2006, p. 39), revela que, enquanto os escravizados em Valença⁶ buscavam preservar suas tradições religiosas por meio de expressões culturais como encontros festivos em um contexto adverso, a região experimentava um crescimento econômico substancial impulsionado pela produção de café.

A abordagem de Alvarenga (2019) ressalta a visão do memorialista Manoel Eloy dos Santos Andrade (1872-1948) acerca do “bom lavrador”. Este conceito, popular nos círculos aristocráticos do século XIX, descrevia o lavrador como um profissional dedicado à agricultura, apaixonado pela terra e comprometido com o progresso. Andrade (*apud* Alvarenga, 2019, p.16) afirma que o “bom lavrador” não buscava apenas lucros, mas também valorizava seus esforços e uma gestão eficiente, utilizando todos os recursos da fazenda para manter uma produção constante. Essas representações foram amplamente disseminadas em Valença. A região presenciou a instalação de diversas fazendas cafeeiras, e muitos fazendeiros, como Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto, destacaram-se pela opulência de seus patrimônios rurais. O Visconde do Rio Preto é destacado pela historiografia local como um exemplo de “bom lavrador”.

A Fazenda Paraíso, propriedade do Visconde, é descrita como uma “fazenda modelo”, onde os escravos tinham acesso a assistência médica regular, recebiam uniformes e formavam bandas de música. A citação de Alvarenga demonstra o legado do Visconde do Rio Preto e sua influência na sociedade valenciana. Ao discutir as práticas na Fazenda Paraíso, Alvarenga enfatiza não só a excelência na gestão da propriedade, mas também a relação entre o senhor e os escravizados. Esses aspectos não só evidenciam a prosperidade econômica da fazenda, mas também como as relações sociais moldaram a experiência dos escravizados no ambiente agrícola do século XIX em Valença.

Domingos Custódio Guimarães – o Visconde do Rio Preto –, reconhecido pela historiografia local de Valença como o exemplo mais representativo do “bom lavrador” apresentado anteriormente. Construiu um imenso patrimônio rural na cidade de Valença, com destaque para a sua Fazenda Paraíso, considerada uma “fazenda modelo” na Princesa da Serra. Lá, os escravos recebiam assistência médica periódica e eram todos uniformizados. **Segundo Rogério da Silva Tjader, havia até bandas de músicas compostas por estes escravos que se encontravam “impecavelmente fardados, portadores de um instrumental afinado e bem polido”.** O trato com a mão-de-obra livre e escrava era considerado justo e exemplar por outros senhores de Valença.

Além disso, o Visconde do Rio Preto estabeleceu ótimas relações com a “boa sociedade” valenciana: foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Valença, espaço de sociabilidade da nobreza local, e participou das discussões políticas na Câmara Municipal de forma assídua. Sua morte em 1868 foi lamentada por muitos e apareceu noticiada em vários jornais publicados em Valença e na Corte do Rio de Janeiro. (Alvarenga, 2019, p. 16-17)

6 Valença é um município situado ao sul do Estado do Rio de Janeiro.

O tratamento dado aos trabalhadores livres e escravizados era visto como justo e exemplar por outros proprietários de Valença. Além de suas atividades rurais, o Visconde do Rio Preto participava ativamente da vida social e política local, atuando como provedor da Santa Casa de Misericórdia de Valença e contribuindo para as discussões políticas na Câmara Municipal. “O legado do Visconde do Rio Preto perdurou após sua morte em 1868, sendo lamentada por muitos e noticiada em jornais locais e na Corte do Rio de Janeiro” (Alvarenga, 2019, p. 16-17).

O contexto musical em Valença é destacado também pelo jornalista valenciano Francisco Tiago, conhecido como João da Terra (Lório, 1953, p. 328). Em suas palavras, Tiago descreve Valença como a terra dos pianos, permeada pelas melodias de valsas e polcas que ecoavam nos lares mais abastados. Tiago lamenta a transformação do cenário musical, observando a substituição dos pianos por rádios e o predomínio de swings, sambas africanos e batuques, questionando se essa transição contribuiu para o embrutecimento da humanidade. Segundo Lório (1953, p. 329), a fundação da “Sociedade Particular de Música Euterpe Valenciana” em 1859, com patronos como a Marquesa de Valença e o Barão do Rio Preto, evidencia o comprometimento da elite local com a promoção da música. A correspondência entre os patronos e a diretoria reflete o prestígio associado à participação na sociedade, com a Marquesa de Valença aceitando o título de protetora e o Barão do Rio Preto expressando sua satisfação em tornar-se Sócio Protetor. Em 1879, foi fundada a “Sociedade Filarmônica”, e em 1894, surgiu a “Sociedade Musical 7 de Setembro”, ambas impulsionando a diversificação e expansão da cena musical em Valença. Essas instituições tinham líderes destacados e músicos renomados, como o maestro Gregório Resende e o professor Agnelo França.

A citação de A. C. de Araujo Guimarães, publicada no *Jornal do Comércio* em 19 de novembro de 1933, relata um evento significativo na história musical de Valença (Lório, 1953, p. 182). A Baronesa do Rio Preto, nora do Visconde, organizou uma missa em ação de graças na igreja matriz de Valença. **A orquestra particular da fazenda, formada por 80 escravos, e um coro de pequenos escravos, com 70 vozes, tiveram um papel destacado.** Essa descrição revela um momento peculiar, indicando a presença de uma orquestra numerosa para a época, composta exclusivamente por músicos escravizados. A hipótese levantada é que esta orquestra sinfônica possa representar um marco significativo na história musical do Estado do Rio de Janeiro. A presença de uma orquestra extensa e diversificada, formada por escravizados, representa um fenômeno excepcional no cenário musical brasileiro do século XIX.

Considerando a escassez de registros sobre orquestras sinfônicas na região naquela época, essa ocorrência em Valença pode suscitar a hipótese de ser uma das primeiras manifestações sinfônicas registradas no Estado do Rio de Janeiro. No entanto, para uma conclusão mais definitiva, seria necessário ampliar a base de registros históricos. Essas iniciativas destacam a importância da música na sociedade valenciana do século XIX, por meio da criação de sociedades musicais que preservavam tradições e promoviam a apreciação artística na comunidade.

De acordo com o portal Vale do Café⁷, a Fazenda Vista Alegre (Figura 3), localizada na região de Valença, é destacada como uma das propriedades mais importantes do século XIX. Neste local, as construções arquitetônicas harmonizam-se com os jardins. Inicialmente voltada para a produção de café, a Fazenda Vista Alegre também serviu como centro de aprendizado, hospedando a Escola de Ingênuos, reconhecida como a primeira instituição no país a oferecer educação a filhos de escravos e a crianças carentes da região. Além disso, a propriedade abrigava a Casa da Música, onde a banda sinfônica da fazenda ensaiava antes das suas apresentações. Na história da Fazenda, eventos demonstram a complexidade das relações senhoriais no Brasil do século XIX.

Figura 3: Trecho da Fazenda Vista Alegre, que servia de Escola de Música para meninos ingênuos.

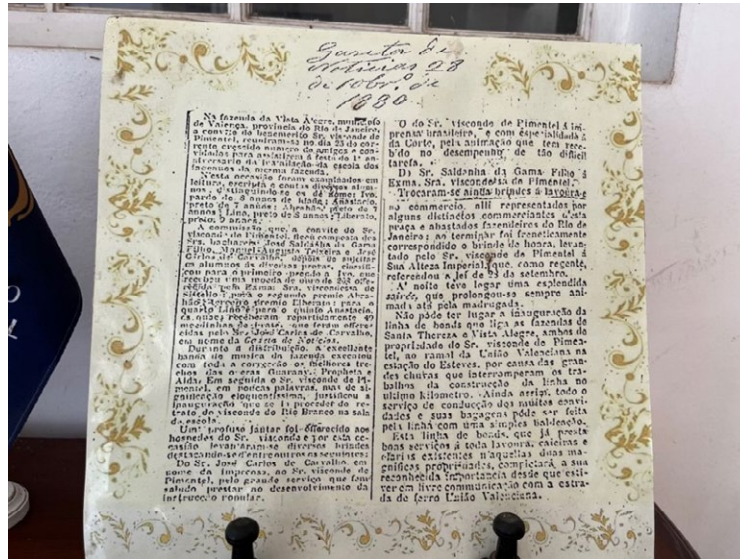


Fonte: registro do autor em 8 de junho de 2023

A citação a seguir (Figura 4), extraída de um registro do periódico Gazeta de Notícias e exposta na Fazenda, mostra o dia em que um grupo de amigos e convidados se reuniu em resposta ao convite do Visconde de Pimentel. O encontro mencionado no periódico celebrou o primeiro aniversário da escola para os novatos da fazenda.

⁷ Disponível em: <https://www.portavaleedocafe.com.br/fazendavistaalegre/>. Acesso em 06 de junho de 2023

Figura 4: Texto do jornal Gazeta de Notícias exposto na Fazenda Vista Alegre.



Fonte: registro do autor em 8 de junho de 2023, em Valença, RJ

Durante o evento, os registros indicam que alunos como Ivo, Anastácio, Abraão, Lino e Liberato, crianças negras de diversas idades, realizaram várias leituras e escritas. O momento foi celebrado com a participação ativa da banda de música da fazenda, que executou trechos das óperas Guarany, Propheta e Aída durante a distribuição de prêmios em moeda de ouro. Além disso, o Sr. Visconde de Pimentel justificou brevemente a inauguração do retrato do Visconde do Rio Branco na Sala da Escola, atribuindo um significado simbólico ao evento. O evento na Fazenda Vista Alegre, conforme o periódico, demonstra a benevolência do Visconde de Pimentel, enfatizando a conexão entre educação e atividades musicais.

Na reportagem sobre a Fazenda Vista Alegre, observamos a seguinte informação:

Na Fazenda de Vista Alegre, município de Valença, província do Rio de Janeiro, a convite do benemérito Sr. Visconde de Pimentel, reuniram-se no dia 25 do corrente, crescido número de amigos e convidados para assistirem a festa do primeiro aniversário da escola dos ingênuos da mesma fazenda. [...]

Nesta ocasião foram examinados em leitura escrita contas diversos alunos, distinguindo-se os de nome: Ivo, pardo de 8 anos de idade; Anastácio preto de 7 anos, Abraão, preto de 7 anos, Lino, preto de 8 anos, Liberato preto; 9 anos. [...]

Durante a distribuição [prêmios aos alunos, moeda de ouro] a excelente banda de música da fazenda executou com toda correção os melhores trechos das óperas Guarany, Propheta e Aída. Em seguida o Sr. Visconde de Pimentel, em poucas palavras [...] justificou a inauguração que se ia proceder do retrato do Visconde do Rio Branco na Sala da Escola. (jornal Gazeta de Notícias exposto no acervo da Fazenda Vista Alegre).

O evento destacou não só a educação oferecida às crianças escravizadas (ou de ancestralidade recentemente alforriada pela Lei do Ventre Livre) na fazenda, mas tam-

bém demonstrou um compromisso com a educação e cultura dessas pessoas. O exame dos alunos em leitura e escrita, seguido pela entrega de prêmios em moeda de ouro, demonstra o reconhecimento de mérito educacional. Além disso, a apresentação da banda da fazenda, tocando trechos de óperas famosas, ilustra a valorização da música lírica nesse contexto. A menção na reportagem à inauguração do retrato do Visconde do Rio Branco na Sala da Escola é importante, pois destaca o reconhecimento das figuras influentes da época que apoiaram essas iniciativas educacionais. O evento na Fazenda Vista Alegre destaca a complexidade das relações sociais e culturais no período da escravidão no Brasil, enfatizando a importância da educação e da música, mesmo em circunstâncias desafiadoras.

A relevância desta escola para o Visconde de Pimentel é evidenciada em periódicos da época, conforme destaca uma matéria do *Jornal Monitor Campista*, de 4 de janeiro de 1880, que divulga a criação da primeira escola de ingênuos no Brasil, situada na Fazenda (Monitor Campista, 4 de janeiro de 1880). A iniciativa, anunciada como um esforço para eliminar a ignorância entre as crianças libertadas pela Lei de 3 de setembro de 1871, é celebrada como um marco de progresso educacional no município de Valença. Contudo, é crucial analisar essa aparente benevolência à luz das dinâmicas sociais e econômicas da época.

A escola, construída especificamente para esse propósito, representa um marco importante ao ilustrar a mobilidade social e as transformações na sociedade brasileira do século XIX. No entanto, ao analisar os detalhes da notícia, percebemos que esse empreendimento foi motivado por interesses econômicos. A Fazenda Vista Alegre, assim como outras fazendas cafeeiras, explorava pessoas escravizadas, cujo trabalho era fundamental para a prosperidade do Visconde de Pimentel.

A exploração econômica e social dos indivíduos escravizados, essenciais à força de trabalho na fazenda, suscita dúvidas sobre as verdadeiras intenções por trás da criação da escola. Seria uma verdadeira busca pela emancipação intelectual e social ou uma tentativa de mascarar as injustiças do sistema escravista, agora abolido?

Além disso, a matéria destaca os eventos festivos que marcaram a inauguração da escola, incluindo uma peça teatral e apresentações de mágica, ressaltando uma peculiar conexão entre educação e entretenimento, e possivelmente uma maneira de mascarar as sombras do passado recente da fazenda. A música tocada pela banda da fazenda, apesar de elogiada, pode ser vista como um contraste entre a cultura idealizada e as realidades enfrentadas pelos escravizados no mesmo contexto.

Escolas de ingenuos.⁸- Na fazenda da Vista-Alegre, de propriedade do Sr. Visconde de Pimentel, foi com este título inaugurada, no dia 25 do passado, uma escola de instrução primaria com o louvavel fim de por a cobro da iguorancia a infancia que pela lei de 3 de Setembro de 1871, ficou liberta. A' esta festa, pri-

8 Optamos, nesse artigo, em manter a grafia original do periódico.

meira a dar exemplo, concorrêrão, além dos representantes da imprensa diaria da côrto, grande numero de amigos e convidados.

A escola, simples edificio e expressamente levantado para tal fim. compõe-se de tres espaçosos compartimentos sendo o maior destinado para aula e os outros para morada do professor e biblioteca. No dia da inauguração, a sala estava vistosamente enfeitada; depois de algumas palavras proferidas pelo digno promotor de tal melhoramento, fallarão alguns dos circumstantes, patenteando a utilidade da criação da escola de ingenuos, e o Sr. O. Hudson passou a por em prova mais uma vez o seu methodo de ensino primario. Ao terminar, levantarão-se alguns vivos e a banda da mesma fazenda executou o hymno nacional.

Os convidados ainda tiverão á noite, em um elegante theatrinho, uma representação composta de tres partes, todas ellas preenchidas por varias sortes de magia branca pelo prestidigitador Bosco e trabalhos de trapezio e deslocação por um gymnasta Mexicano.

Nos intervallos a banda executava, e bem, diversos trechos de musica. Os espectadores applaudirão uns e outros, segnindo-se depois um animado sarão.

Lavrou-se uma acta da qual constava a existencia de 45 alumnos de ambos os sexos de maneira que à criação da primeira escola de ingênuos, junta-se o ensino mixto.

Com este exemplo, todo elle fructo da iniciativa individual, é de esperar que outros fazendeiros procurem imitar o meritorio acto do Sr. Visconde de Pimentel, sem duvida um dos agricultores que mais têm contribuido para levantamento dos creditos da lavoura brasileira.

Coube pois ao municipio de Valença a gloria de ver inaugurada a primeira escola de ingenuos, devido a iniciativa de seus mais prestigiosos agricultores.

A cada passo dado em demanda do futuro, na estrada da instrucção e da caridade, a imprensa livre, que vive do povo e com elle convive, só tem uma palavra para aquelles que, como o honrado visconde de Pimentel, veem o futuro desta patria querida na instrucção do povo; é o sublime pensamento do poeta das Orientaes: Uma escola que se abre é uma prisão que se fecha.

Está inaugurada a primeira escola de ingenuos no Brazil. (Monitor Campista, 4 de jan. de 1880, p. 3).

Ao analisarmos o papel do Visconde de Pimentel, é essencial adotarmos uma perspectiva crítica. Embora a notícia o elogie como um dos agricultores que mais contribuíram para o “levantamento dos créditos da lavoura brasileira”, é essencial questionar até que ponto essa contribuição resultou em benefícios equitativos para toda a comunidade, especialmente para os historicamente marginalizados e explorados.

Em síntese, a notícia da inauguração da primeira escola de ingênuos no Brasil, apesar de aparentar progresso e educação, exige uma análise das dinâmicas sociais, econômicas e éticas no contexto das fazendas cafeeiras do século XIX. A mobilidade social, a exploração de pessoas escravizadas e a busca por uma transformação social genuína devem ser analisadas criticamente, revelando nuances e contradições que moldaram esse período singular da nossa história.

As informações são confirmadas por Lório (1953, p. 195), que menciona a banda de música formada por escravos na fazenda do Barão da Vista Alegre (figura 5), corroborando a relevância cultural e a expressividade musical dessas comunidades escravizadas. O Barão da Vista Alegre, ao reunir cerca de 40 escravos em sua banda, demonstrava a

importância dada à música em sua propriedade, revelando uma dinâmica peculiar entre senhor e escravo. A alusão à antiga banda de Estanislau, originada na fazenda de Chacrinha⁹, destaca a continuidade das tradições musicais africanas em Valença, ilustrando como essas práticas transcenderam os limites da escravidão e moldaram a identidade cultural da região.

Tinha o Barão, em sua fazenda, uma banda de música, constituída de escravos, com cêrca de 40 figuras, a qual, envergando seu uniforme luzidio, executava, na varanda, diàriamente, durante as refeições do titular da Vista Alegre, as mais variadas peças do seu escolhido repertório. A velha e popular banda de música do prêto Estanislau, outrora existente na cidade de Valença, era constituída de remanescentes da banda de música da antiga fazenda de Chacrinha. (Iório, 1953, p. 195).

Figura 5: Batuta utilizada pelo maestro, em exposição na Fazenda Vista Alegre



Fonte: registro do autor em 8 de junho de 2023, em Valença, RJ.

Como observamos, a inauguração da escola de ingênuos, apesar de representar um progresso na educação formal, levanta questionamentos sobre as reais motivações por trás dessa iniciativa. A interseção entre educação, música e entretenimento nos eventos festivos destaca uma tentativa de construir uma narrativa de progresso, que frequentemente oculta as injustiças preexistentes durante o período de abolição do sistema escravista. A mobilidade social promovida pela educação contrasta com a exploração dos escravizados anteriormente na fazenda, destacando as dualidades nas relações entre senhores e trabalhadores na sociedade agrária da época.

À medida que avançamos para o próximo subtítulo, é essencial expandir o escopo de análise para explorar não apenas as melhorias educacionais visíveis, mas também o impacto mais amplo dessas práticas na vida dos escravizados, demonstrando assim o percurso histórico da subalternização. A pesquisa investiga como outras circunstâncias

⁹ Seu pai ofereceu ao futuro Barão, seu único filho, um trecho de terreno nas fazendas de Campo Alegre e Vista Alegre, onde construiu uma casa e uma pequena chácara, como um princípio de vida para Manoel Pereira de Souza Barros. Da pequena chácara surgiu a importante fazenda "Chacrinha", graças à dedicação de Vista Alegre. Localizada a sete quilômetros da estação de mesmo nome, hoje pertence à família Oliveira Castro, uma das maiores criadoras da região. Casara-se o Barão da Vista Alegre com d. Rita Arnalda Pereira de Souza Barros - a Baronesa da Vista Alegre. (Iório, 1953, p. 195).

reagiram às mudanças sociopolíticas após a abolição. O foco direciona-se para uma compreensão mais completa das experiências das comunidades marginalizadas, investigando não apenas as ações empreendidas, mas também os resultados reais dessas iniciativas no tecido social e nas vidas das pessoas historicamente oprimidas, utilizando a música como eixo condutor.

3. Consultas à Hemeroteca Digital Brasileira

No manifesto (fig.6) publicado no jornal *Gazeta de Notícias* de 28 de setembro de 1880 (*Gazeta de Notícias*, 28 de setembro de 1880), há uma argumentação contra a escravidão no Brasil, destacando uma postura abolicionista baseada em princípios éticos e morais. A análise começa destacando a importância de abandonar uma prática que não só viola os direitos humanos, mas também perpetua uma desigualdade intrínseca à sociedade. Os autores do manifesto destacam o contraste entre a realidade da escravidão e os ideais de solidariedade, liberdade e colaboração na construção de uma sociedade moderna. A crítica ao sistema escravocrata baseia-se amplamente na identificação dos males sociais gerados por essa prática.

Figura 6: manifesto publicado no jornal *Gazeta de Notícias*



Fonte: jornal *Gazeta de Notícias* (28 de setembro de 1880).

O texto ressalta a criação de uma falsa solidariedade entre os senhores de escravos, independentemente de suas índoles, gerando uma distorção ética e moral que se infiltra em toda a estrutura social. A reflexão sobre as consequências da escravidão desmistifica

a suposta benevolência de alguns senhores, mostrando que, mesmo em situações aparentemente humanitárias, a essência desumana da escravidão persiste.

O manifesto aborda não apenas os aspectos éticos, mas também as implicações práticas e econômicas da escravidão. A crítica à classe proprietária sugere que o sistema cria não apenas um espírito de classe distorcido, mas também perpetua relações desumanas e injustas. Além disso, a discussão sobre a ilegalidade da escravidão, mesmo quando aparentemente legitimada, destaca uma abordagem que visa dismantlar a falsa justificativa legal que sustenta essa instituição. Por fim, o manifesto conclui instando os senhores de escravos a escolher entre proteção ou responsabilização, abordando as possíveis direções a tomar diante do movimento abolicionista. A assertividade e a determinação no chamado à ação demonstram a urgência que os autores percebem em buscar uma mudança efetiva. O texto representa uma expressão articulada e fundamentada das demandas abolicionistas, buscando provocar uma transformação ética e social significativa na sociedade brasileira. Os autores destacam a ilegalidade da escravidão, mesmo quando supostamente legitimada, enfatizando a violação da lei de 7 de outubro de 1831, que proibia o tráfico de escravos. A crítica à classe proprietária sugere que o sistema cria não apenas um espírito de classe distorcido, mas também perpetua relações desumanas e injustas.

O manifesto conclui instando os senhores de escravos a escolher entre proteção ou responsabilização, em uma clara chamada à ação diante do movimento abolicionista. O texto representa uma expressão articulada e fundamentada das demandas abolicionistas, visando provocar uma transformação ética e social significativa na sociedade brasileira da época. Nesse contexto social, as práticas musicais da época eram desenvolvidas nas fazendas do sudeste brasileiro.

Para fundamentar as hipóteses propostas neste artigo, consultamos os periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira entre 1850 e 1909. Utilizou-se no mecanismo de busca os termos “músico escravo” e “músico mestiço”. Analisamos os discursos encontrados nesses periódicos buscando acrescentar informações para o campo musicológico sobre as atividades de músicos escravizados entre e no pós-abolição no Brasil.

Encontramos quatro ocorrências¹⁰ entre os anos 1850 e 1909 nos periódicos *Marmota na Corte* (RJ), *Pacotilha* (MA), *Diário do Rio de Janeiro* (RJ) e *O Paiz* (RJ)¹¹. Observando notícias do século XIX, notamos que músicos escravizados participaram de cerimônias em igrejas católicas e festas comunitárias. Na Hemeroteca Digital Brasileira, encontramos três notícias destacadas. Uma delas diz respeito a uma publicação de 1851 do periódico *Marmota na Corte* (Figura 6).

10 A quarta ocorrência, no Jornal *O Paiz* de 19 de julho de 1909 [p.3], menciona o termo “músico mestiço” sem relação com a escravidão. A notícia refere-se ao compositor João da Matta, cuja identidade foi questionada por outros músicos devido ao seu fenótipo.

11 Respectivamente: *Cuidado!*... (1851), *Colaboração* (1886), *Para o exm....* (1871) e *Artes e Artistas* (1909).

Figura 7: Notícia do Marmota na Corte sobre a presença de músicos escravizados na Igreja de Santa Cruz dos Militares.

CUIDADO! CUIDADO!...

Domingo 21 do corrente, segunda feira 22, e terça 23, tiveram lugar na Igreja da Santa Cruz dos Militares as festividades do estylo, e pela primeira vez se viu ser a musica composta de *escravos* da Fazenda de Santa Cruz, sendo assim postos de parte tantos e tão distinctos professores de musica de que abunda esta nossa capital!.. Pensando-se sériamente neste negocio, pergunta-se:—porque se faria isto? Já não terá a Irmandade, tão rica como era, dinheiro para se pagar as esportulas do costume a homens livres, que precise dos favores da *escravatura* da Fazenda de

Santa Cruz?.. Pois ha dinheiro para doces, pastéis, e refrescos, e não o ha para os musicos?.. Certo, é rebaixar muito a festividade da Igreja da Santa Cruz dos Militares! E o que mais admira é que um vovô maç.. quizesse antes *escravos* do que homens livres nas abohadas do templo!..

O que dirá a isto o Sr. Antero, commandante das armas? porque se calou a *Pacotilha*, que tanto censurou a S. Ex. pela licença dada ao musico *escravo* que foi para o Rio Grande? Pois quando se trata de acabar com a *escravatura* (mas não com a *escravidão*), deixa a Irmandade dos nobres e distinctos Militares de se utilizar do prestimo de homens livres para dar preferencia a *escravos*? De quanto seria a economia? Valeria isso a pena, tanto mais quando nos consta que tal procedimento não teve a approvação de QUEM talvez esperavam que tivesse!.. Ora, meus senhores, cuidado! euidado!..

Fonte: Cuidado!... (1851, p. 2).

No texto, menciona-se a presença de compositores escravizados na Igreja de Santa Cruz dos Militares, no centro do Rio de Janeiro. A presença desses músicos negros gerou desconforto, conforme divulgado no periódico. A notícia do periódico *Marmota na Corte* destaca a realização de festividades na Igreja da Santa Cruz dos Militares, onde a música foi executada por escravos da Fazenda Santa Cruz, em detrimento dos professores de música livres da capital. A crítica questiona a possível escassez de recursos da Irmandade para pagar músicos livres e expressa surpresa pela escolha de escravos, especialmente por parte de um membro da maçonaria. A falta de posicionamento do comandante das armas e a ironia quanto ao silêncio da imprensa sobre a licença anteriormente concedida a um músico escravo são destacadas, evidenciando a incoerência na abordagem da escravidão.

Outro fato foi relatado no periódico maranhense *Pacotilha* em 1886. A notícia relata a presença de um músico escravizado, organista de excelente habilidade técnica. A história é narrada por um cronista chamado Paulo de Koch, que possui uma citação esperançosa no mesmo periódico.

Ao meio dia vê se raças acabrunhadas com o peso de não sei que maldição: jugo pesado as opprime, caminham vergados para a terra; mas a opiniao publica, que

é a rainha do mundo em breve lhes dará o influxo do seu poder...de novo serão erguidas..., e aniquilarão os seus algozes. (Koch, 1886, [s.p.]).

A narrativa da crônica de Paulo de Koch, publicada no periódico *Pacotilha* em 1886, revela uma série de aspectos complexos. Dentre eles, destaca-se a hesitação do autor quanto à identificação racial do músico Agostinho, inicialmente reconhecido como homem branco, e a posterior confirmação de que seu irmão era mulato. A seguir, veremos:

COLLABORAÇÃO, Historia da Imprensa Maranhense 1820—1880 (175) ARGOS DA LEI ADDICIONAMENTOS—ELUCIDAÇÕES E REPAROS

Narração de um facto ocorrido no convento de Santo Antonio, desta cidade, sobre maneira deponente contra a caridade dos religiosos franciscanos. [...] Entrando eu, quinta-feira maior na igreja de Santo Antonio, fiquei maravilhado da destreza e bom gosto com que se tocava o órgão no templo; é certa pessoa que me ficava proxima, informou-me que era um homem escravo quem tocava com tanta perfeição: procurei conhecer de vista a este tão excellente musico, [...] Confesso-lhes que apezar da tolerancia que tenho para com todos os cultos, e do respeito que consagro a religião christã, debaixo de quaisquer modificações ou reformas que tenha experimentado, o meu primeiro impeto foi o de detestar o catholicismo, que inspirava uma acção tão escandalosa aos ministros do altar; mas uma reflexão madura [...] Conhecemos pessoalmente esse insigne musico, [Agostinho] escravo do Convento de Santo Antonio. Era um mulato, ou melhor homem branco, de estatura regular, barba cerrada, de physionumia sympathica e muito insinuante, representando ter de idade 35 a 38 annos. Chamava-se Agostinho, e era parente de outro mulato escuro, escravo do mesmo convento, que exercia a profissão de barbeiro, de nome Tiburcio.

O de que nos occupamos vivia quasi sempre em ferros, acorrentado, e assim mesmo ia ao coro tocar órgão nas festividades mais solemnes da igreja! [...] O mulato escravo de Santo Antonio gosava no bairro da fama de excellente cirurgião. (Koch, 1886, p. 2).

O texto destacado oferece uma perspectiva sobre as dinâmicas sociais do período, expondo não só as competências técnico-musicais de Agostinho, mas também levantando questões importantes sobre identidade racial e criticando o papel da Igreja Católica nas práticas escravocratas. A crônica de Koch destaca sua incerteza sobre a identidade racial de Agostinho¹², inicialmente identificando-o como um homem branco, uma dúvida intensificada ao reconhecer o irmão de Agostinho como mulato. Este aspecto pode indicar os processos de branqueamento que ocorriam em várias regiões do Brasil, antes mesmo da *Belle Époque*.

Além do aspecto racial, a crônica ressalta a versatilidade de Agostinho, que vai além de sua atuação como músico. Paulo de Koch também observa sua habilidade como cirurgião, oferecendo uma perspectiva multifacetada sobre o papel dos músicos escravizados

12 Devemos também considerar que não havia apenas escravizados de pele escura no Brasil como bem pontua a entrevistada Maria Teresa Bento da Silva (ex-escravizada) no texto do pesquisador Spirito Santo em *A Roça de Teresa revisitada – A pesquisa que diz “Aí ele sabia o que era. Meu avô Antônio. Ele não era preto. Era mulato. Se era mulato de cabelo liso? Era mulato de cabelo liso. É. Veio da África. Meu avô, minha avó contava, porque na fazenda tinha muita gente africana, tinha... Angola, isso... D’Angola... isso tudo tinha.”* (Spirito Santo, 2014).

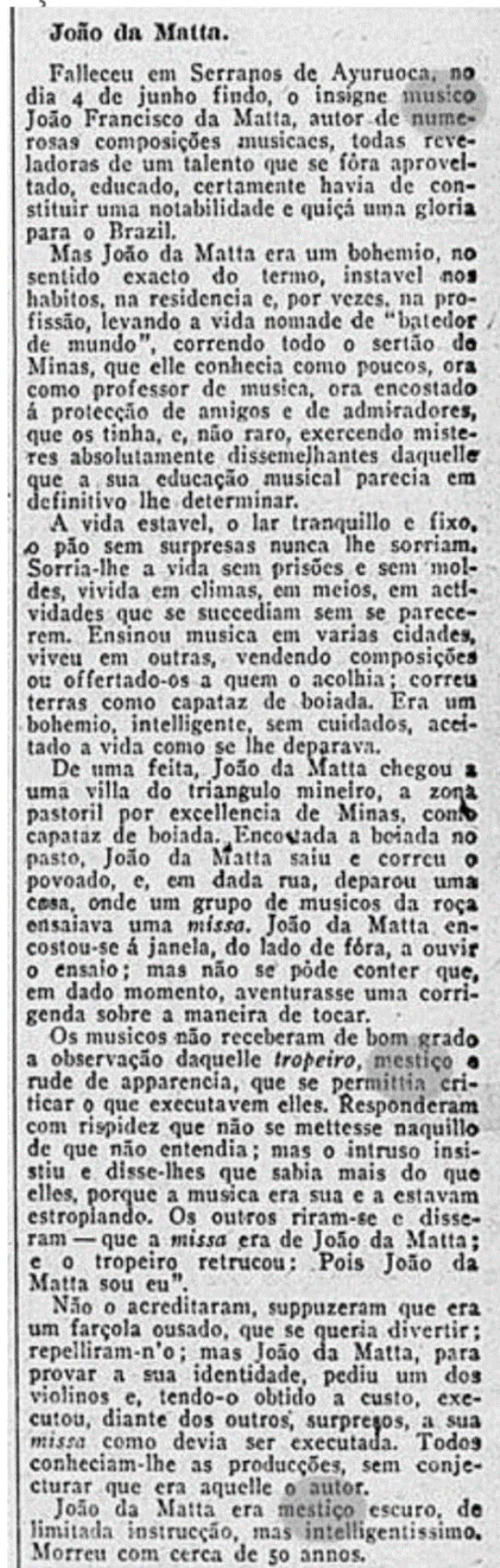
na sociedade da época. A crônica, ao relatar um evento no Convento de Santo Antônio, questiona a caridade dos religiosos franciscanos. Agostinho, mesmo acorrentado e vivendo frequentemente em ferros, atuava como organista nas festividades mais solenes da igreja. A dualidade entre a escravidão e as habilidades musicais de Agostinho, bem como sua reputação como cirurgião, adiciona complexidade ao relato.

A terceira notícia, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, relata a situação de violência e impunidade no distrito de Santa Anna do Deserto, da freguesia de S. Pedro de Alcantara da Rancharia, enfatizando a falta de segurança e a atuação das autoridades locais. A descrição de diversos incidentes, como agressões físicas, assassinatos e abusos contra escravos, organizados por item, levanta questões sobre a eficácia e a integridade do sistema de justiça na área. Há ênfase na impunidade de agressores ligados a autoridades locais, como capangas de subdelegados, sugerindo uma possível conivência ou negligência por parte das autoridades responsáveis pela manutenção da ordem. A inação diante de crimes graves, como o assassinato de um escravo, reflete a ausência de proteção aos direitos individuais e à vida. Além disso, o apelo final do texto enfatiza a urgência de intervenção para corrigir as práticas policiais e assegurar a segurança da população local. A chamada por um sistema judiciário mais eficiente e responsável é pertinente e transcende as fronteiras políticas, pois busca assegurar justiça e proteção a todos, independentemente de filiações partidárias. A notícia destaca a necessidade de uma análise crítica das instituições de segurança e justiça, visando promover mudanças significativas que melhorem as condições de vida da comunidade afetada. O que chama atenção é a presença de um músico escravizado pertencente ao capitão José Miranda:

Quarto. — Foi também espancado allí, igualmente em dia de festa, um musico, escravo do capitão José Fernandes de Miranda, por outro ou pelo mesmo capanga do fiho do subdelegado: o sicario foi preso em flagrante por um filho do senhor do escravo espancado; porém o subdelegado mandou re laxal-o da prisão em continente. (Para o Exm...., 24 de maio de 1871, p. 2).

A quarta notícia, já no século XX, não se refere a um músico escravizado, mas a um músico mestiço (Figura 7). O texto descreve uma cena vivenciada pelo músico João da Matta, conforme relatado no periódico *O Paiz* em 19 de julho de 1909. A matéria informa que Matta faleceu em Serranos de Ayuruoca, em 4 de junho de 1909. O compositor criou numerosas composições musicais que revelam seu talento. Mas que João da Matta "era um bohemio, no sentido exacto do termo, instavel nos habitos, na residencia e, por vezes, na profissão, levando a vida nomade de batedor de mundo correndo todo o sertão de Minas [Gerais – MG]".

Figura 8: João da Matta no periódico O Paiz



Fonte: João da Matta... (1909, p. 3)

João da Matta ensinava música em várias cidades, vendendo composições ou oferecendo-as gratuitamente a quem o hospedava; “correu terras como capataz de boiada”. Certa vez, o compositor chegou a um pastoril. Após levar os bois para o pasto, João da Matta saiu e percorreu o povoado. Em uma das ruas, encontrou uma casa onde um grupo de músicos rurais ensaiava uma missa. João da Matta, ao ouvir os músicos, ofereceu sugestões interpretativas. No entanto, os músicos **“não receberam de bom grado a observação daquele tropeiro, mestiço, rude de aparência, que se permitia criticar o que executavam elles.”** Responderam com rispidez que não desse sugestões naquilo que não entendia; mas o “intruso” insistiu e disse-lhes que sabia mais do que eles “Pois João da Matta sou eu”.

Não acreditaram nele, pois o consideraram um farsante, e pediram que provasse sua identidade. Para provar sua identidade, Matta pediu um violino e, após obtê-lo com certa dificuldade, tocou diante de todos. Após a interpretação, não restaram dúvidas de que ele era o compositor. Segundo o periódico, João da Matta era **mestiço escuro de limitada instrução, mas inteligentíssimo.**

Embora o evento envolvendo o compositor João da Matta não tenha ocorrido no Rio de Janeiro, é evidente que, em 1909 no Brasil, as distinções de classe e raça ainda eram marcantes. Essas identificações atribuíam valor às pessoas envolvidas nas produções musicais, seja positivo ou negativo, por meio de narrativas sociais.

No relato de João da Matta, músico mestiço do início do século XX, percebemos as dinâmicas sociais complexas que influenciam as percepções sobre a música e o músico, destacando as hierarquias sociais e raciais da sociedade da época. A narrativa destaca a habilidade musical de Matta e as barreiras sociais enfrentadas por ele, ressaltando como as identificações de classe e raça impactavam a valorização de suas produções musicais.

Ao avançarmos para a Frente Negra Brasileira (FNB) na década de 1930, observamos uma mudança no cenário, ainda permeado por questões raciais e políticas. A FNB, destacada como a primeira organização negra no Brasil, não só se posicionou politicamente contra o racismo, mas também teve um papel importante na promoção de expressões culturais, incluindo uma banda musical composta por homens negros. Essa continuidade na narrativa musical, embora em um contexto diferente, revela a persistência das lutas e celebrações da comunidade negra através da música, enfrentando adversidades e reafirmando suas identidades.

Assim, ao conectar esses dois relatos, percebemos que a música não só reflete as dinâmicas sociais de suas épocas, mas também atua como um meio poderoso de resistência, expressão e afirmação da identidade cultural. A trajetória de músicos como João da Matta e a presença da banda da FNB ilustram a complexidade das relações sociais no Brasil, destacando a música como veículo de narrativas sociais e elemento central na construção de identidades individuais e coletivas.

A Frente Negra Brasileira (FNB), conforme Leandro Machado (2020), foi criada em 1931 em São Paulo e foi a primeira organização negra significativa do Brasil, realizando eventos e atividades para combater o racismo e elevar as condições de vida da população negra. Com uma estimativa de 8 a 50 mil associados, predominantemente da classe média, a FNB, proprietária do jornal *A Voz da Raça*, defendia ideais alinhados ao fascismo e integralismo, inspirados pela busca da “segunda abolição”. Embora a liderança tenha simpatizado com Getúlio Vargas, o apoio à extrema-direita gerou dissidências, culminando na criação da Legião Negra, que mais tarde participou da Revolução Constitucionalista de 1932.

A FNB, extinta em 1937 por Vargas, desempenhou um papel importante na luta contra o racismo, embora suas ideologias e alianças políticas sejam objeto de debates e análises históricas. Além de suas atividades políticas, a Frente Negra Brasileira (FNB) destacou-se por sua rica vida cultural, incluindo uma banda de música composta por homens negros (figura 8). Essa iniciativa fortalecia os laços comunitários e proporcionava uma expressão cultural e artística, contribuindo para desafiar estereótipos e promover a identidade negra. As festas e eventos organizados pela FNB, muitas vezes animados por sua banda, eram ocasiões importantes de celebração e resistência.

Figura 9: Banda Musical da Delegação da F. N. B. [Frente Negra Brasileira]



Fonte: Banda... ([1931-7]).

Essa perspectiva histórica encontra ressonância no trabalho de Ana Paula de Lima, *Sons da cidadania: bandas, músicos negros e uma corporação musical em Campinas no pós-abolição* (2021), ao proporcionar uma análise da presença e impacto dos músicos negros na sociedade brasileira. Ao explorar a interseção entre a experiência negra e a música, a autora destaca a relevância social desses artistas ao longo da história. A prática musical surge como uma forma significativa de expressar aspirações por liberdade

e cidadania, especialmente notável no período pós-abolição. A atenção à relação entre músicos negros e instrumentos de sopro em bandas de música revela como essas práticas moldaram identidades e criaram novas possibilidades no período pós-escravidão.

A escassez de documentos não permite inferirmos o quão forçado poderia ser o aprendizado musical entre os escravizados que compuseram as inúmeras bandas no século XIX. Porém, ela nos convida a refletir sobre como, a partir do conhecimento musical, muitos negros se valeram desses saberes na liberdade. É provável que alguns desses ex-escravizados, de posse de seus instrumentos, empregaram as habilidades musicais que possuíam da forma que lhes parecesse mais vantajosa. (Lima, A. P., 2021, p. 34).

O texto de Lima analisa a fundação da Corporação Musical Campineira¹³ dos Homens de Cor em 1933, enfatizando a relevância do associativismo negro no pós-abolição. A pesquisa mostra que as experiências prévias dos associados foram essenciais para a formação da banda musical. A trajetória de 25 anos da Corporação revela aspirações e necessidades da comunidade negra, mostrando como a prática musical contribuiu para o desenvolvimento de saberes que favoreceram o exercício da cidadania. A análise das atas dessas agremiações fornece uma visão das redes de contatos e da proximidade espacial entre grupos, enfatizando o papel das práticas culturais na resistência de uma cidade em transformação. A autora destaca que a permanência da Corporação até os dias¹⁴ atuais ressalta sua resiliência, sublinhando o poder duradouro da prática musical como meio de comunicação e afirmação cultural na sociedade brasileira.

Ao conectar todos esses contextos, percebemos que a prática musical emerge como uma forma de expressar aspirações de liberdade, contribuindo para o desenvolvimento de conhecimentos que favorecem o exercício da cidadania. A persistência da Corporação Musical Campineira dos Homens de Cor ressalta o poder duradouro da prática musical como forma de comunicação e afirmação cultural na sociedade brasileira. Assim, ao analisar esses diversos períodos e contextos, percebemos que a música não só espelha as dinâmicas sociais, mas também atua ativamente na resistência contra a discriminação racial e na promoção da cidadania plena. O legado dos músicos negros na história do Brasil é uma narrativa poderosa de resiliência, criatividade e contribuição para a cultura do país.

Conclusão

Em conclusão, as narrativas fornecidas apresentam uma intersecção entre a música e as condições sociais no Brasil entre os séculos XIX e início do XX. Ao explorar a história de músicos escravizados e mestiços, como Agostinho do Convento de Santo Antônio

13 Campinas, São Paulo, Brasil.

14 A pesquisa foi realizada em 2021.

e João da Matta, observamos a complexidade das relações sociais e culturais da época. A história de Agostinho destaca sua capacidade de superar as limitações impostas pela escravidão, evidenciando não só seu talento musical como organista, mas também sua habilidade como cirurgião. A incerteza inicial sobre sua identidade racial destaca a dinâmica de branqueamento e as percepções sociais da época.

A narrativa de João da Matta, que ocorreu em 1909 e fora do Rio de Janeiro, ilustra como as identificações sociais baseadas em classe e raça persistiam. A história do músico mestiço ressalta as percepções preconcebidas ligadas à sua aparência física em contraste com suas habilidades musicais e inteligência. Além disso, as menções às bandas de música compostas por escravos nas fazendas, como na Fazenda Vista Alegre em Valença, e a participação de músicos escravizados em eventos religiosos, destacam a relevância da música como forma de expressão cultural e social, mesmo enfrentando as adversidades da escravidão.

As pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira mostraram a importância dos músicos escravizados em cerimônias religiosas e eventos comunitários, oferecendo uma perspectiva contextualizada de suas contribuições para a sociedade. A crítica ao uso de músicos escravizados em eventos religiosos e a ênfase na necessidade de justiça para os escravizados espancados destacam as contradições e desafios enfrentados por esses músicos naquele contexto.

No contexto das narrativas sobre músicos escravizados e mestiços do século XIX, as histórias de Djavan e Luiz Justino oferecem uma interlocução. Ao analisar as trajetórias desses artistas contemporâneos, identificamos uma continuidade nas lutas e conquistas dos músicos afrodescendentes na história brasileira.

A ascensão de Djavan como um nome proeminente da música popular brasileira destaca não apenas seu talento musical, mas também sua capacidade de transcender barreiras sociais e raciais. Assim como Agostinho e João da Matta desafiaram estereótipos em seus tempos, Djavan representa uma manifestação contemporânea da resiliência através de sua carreira.

Ao conectar figuras contemporâneas às histórias do passado, destacamos um fio condutor que atravessa diferentes épocas, enfatizando os enfrentamentos ao racismo e a importância das contribuições das práticas musicais brasileiras. Essa continuidade ressalta a persistência das lutas por reconhecimento, respeito e equidade. Djavan e Luiz Justino, através de suas carreiras e contribuições, criam uma conexão entre o passado e o presente, unindo as histórias de músicos afrodescendentes que influenciaram e continuam a influenciar o cenário musical brasileiro, desde o século XIX até hoje. Esse entrelaçamento amplia a compreensão da importância da música como um elemento vital na construção da luta por justiça social na história brasileira.

Em última análise, esta pesquisa ressalta a resiliência das comunidades de músicos escravizados, mostrando como a música serviu não só como forma de expressão artística, mas também como meio de desafiar e moldar as normas sociais vigentes. Essas narrativas exploram a interseção entre música, cidadania e sociedade no Brasil entre os séculos XIX e XX, resgatando histórias frequentemente negligenciadas que contribuíram significativamente para a construção de novas perspectivas na História das práticas musicais no país.

Referências

ALVARENGA, Felipe de Melo. *De terras indígenas à Princesa da Serra Fluminense: o processo de realização da propriedade cafeeira em Valença (Província do Rio de Janeiro, Século XIX)*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2019.

AMORIM, Humberto. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”: comércio e fuga de escravos músicos nas primeiras décadas do Brasil oitocentista (1808-1830). *Opus*, v. 23, n. 2, p. 89- 115, ago. 2017.

ARTES E ARTISTAS. *O Paíz*, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1909, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&pesq=%22mestiço%22%20matta&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=20174. Acesso em: 6 jan. 2024.

BANDA Musical da Delegação da F. N. B. [Frente Negra Brasileira]. São Paulo, SP: Wessel, [entre 1931 e 1937]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 8,9 x 13,8 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon299056/icon981689.jpg. Acesso em: 22 jan. 2024.

COLLABORAÇÃO. *Pacotilha*, Maranhão, 14 de abril de 1886. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=%22m%C3%BAgico%20escravo%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=5118. Acesso em: 6 jan. 2024.

CUIDADO! Cuidado!! ... *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1851. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706906&pesq=%22músico%20escravo%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.br&pagfis=787>. Acesso em: 6 jan. 2024.

FONSECA, Jorge. Músicos escravos em Portugal e no império português. In: PIMENTEL, Maria do Rosário; MONTEIRO, Maria do Rosário (coord.). *Senhores e escravos nas sociedades ibero-atlânticas*. Lisboa: CHAM, Húmus, 2019, p. 179-188.

GENTE de Expressão – Djavan. [S. l.: s. n.], 18 de janeiro de 2018. 1 vídeo (18min37s). Publicado pelo canal Bruna Lombardi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EX-Okoz5Flc>. Acesso em: 4 jul. 2023.

IÓRIO, Leoni. *Valença de ontem e de hoje: subsídios para a história do município de Marquês de Valença*. Juiz de Fora: Dias Cardoso, 1953.

JOÃO DA MATTA. *Jornal O Paiz*, 19 de julho de 1909 [p.3]. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_03&Pesq=%22mesti%20%20matta&pagfis=20174. Acesso em 17 de nov. de 2022

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1880. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&hf=memoria.bn.br&pagfis=1344. Acesso em: 12 jan. 2024.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 2 de março de 1840. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pesq=%22músico%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=234. Acesso em: 9 jan. 2024.

KOCH, Paulo de. [Nota sem título]. *Pacotilha*, Maranhão, número 13, ano VI, 16 de janeiro de 1886, [p. 2]. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&pesq=%22músico%20escravo%22&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=5118. Acesso em 05 jan. 2023.

LIMA, Ana Paula de. *Sons da cidadania: bandas, músicos negros e uma corporação musical em Campinas no pós-abolição*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2021.

LIMA, Hudson Cláudio Neres *“Belle Époque para quem?” música, segregação e repertórios, um olhar a partir do encontro com documentos do Centro Musical do Rio de Janeiro (1907-1919)* / Hudson Cláudio Neres Lima. -- Rio de Janeiro, 2023. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Música. 2023.

MACHADO, Leandro. Frente Negra: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país. *BBC News Brasil*, São Paulo, 13 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53000662>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MARIOSIA, Rosilene Maria. Tratamento e doenças de escravos da Fazenda Santo Antonio do Paiol 1850-1888. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra. Vassouras, 2006.

Monitor Campista, Campos, 4 de janeiro de 1880. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030740&Pesq=m%C3%basica%20%22visconde%20de%20pimentel%22&pagfis=4863>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PARA O EXM. Sr. Presidente da província de Minas lêr e providenciar. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1871, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22m%C3%BAtico%20escravo%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=27332. Acesso em: 6 jan. 2024.

SANTOS, Antônio Carlos dos. *Os músicos negros: escravos da Fazenda Real de Santa Cruz no Rio de Janeiro (1908 -1832)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Org.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

SOUZA, Fernando Prestes de Souza; LIMA, Priscila de. Músicos negros no Brasil Colonial: trajetórias individuais e ascensão social (segunda metade do século XVIII e início do XIX). *Revista Vernáculo*, n. 19 e 20, 2007, p. 30-66.

SPIRITO SANTO. A Roça de Teresa revisitada – A pesquisa. *Spirito Santo* – “cuide dos sentidos que os sons cuidarão de si mesmos”, 3 de setembro de 2014. Disponível em: <https://spiritosanto.wordpress.com/2014/09/03/a-roca-de-teresa-revisitada/>. Acesso em: 31 ago. 2022.